

Plural e compromissada com a justiça: um balanço da teologia latino-americana das religiões

Plural and Committed to Justice: An Overview of Latin American Theology of Religions

Cláudio de Oliveira Ribeiro
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Brasil

Resumo

O texto apresenta resultados de pesquisa sobre a teologia latino-americana das religiões, com um inventário das principais obras, autores e autoras que estão na gênese e no desenvolvimento dessa perspectiva teológica. Metodologicamente, os temas e visões foram agrupados em três eixos norteadores da pesquisa, a saber: (I) a importância pública das religiões para os processos de promoção da paz e da justiça, associada ao valor da mística e da alteridade na formação de espiritualidades ecumênicas; (II) a necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas; e (III) a contribuição da teologia feminista da libertação para o debate do pluralismo religioso. Entre os resultados obtidos destacam-se: (a) a constatação de que se fez necessária, para a teologia latino-americana das religiões, uma atenção especial à articulação entre a capacidade de diálogo dos grupos religiosos e os desafios em torno da defesa dos direitos humanos e da terra, pressupondo que a espiritualidade ecumênica requer visão dialógica, profunda sensibilidade com as questões que afetam a vida humana e inclinação para a promoção da justiça e da paz; (b) o reconhecimento de que a espiritualidade ecumênica que emerge do pluralismo religioso tem como valores a dimensão mística e a alteridade, e isso incidirá nos processos religiosos e sociais, favorecendo perspectivas utópicas, democráticas e doadoras de sentido; e (c) no caso da teologia cristã, é crucial destacar a centralidade do Reino de Deus como categoria fundamental no método teológico.

Palavras-chave

Diálogo inter-religioso.
Princípio pluralista.
Teologia das religiões.
Teologia feminista.
Teologia afro-indígena.

Abstract

This text presents research findings on Latin American theology of religions, including an inventory of key works and authors who have contributed to the genesis and development of this theological perspective. Methodologically, the themes and viewpoints were grouped into three guiding axes of the research: (I) the public significance of religions in promoting peace and justice, associated with the value of mysticism and otherness in the formation of ecumenical spiritualities; (II) the necessity of shifting the theological locus to the realities of Afro-Indigenous religious cultures; (III) the contribution of feminist liberation theology to the debate on religious pluralism. Among the findings presented are: (a) the need for Latin American theology of religions to pay special attention to the articulation between the dialogue capacity of religious groups and the challenges surrounding the defense of human rights and land. This presupposes that ecumenical spirituality requires a dialogical vision, deep sensitivity to issues affecting human life, and a commitment to promoting justice and peace; (b) the recognition that ecumenical spirituality emerging from religious pluralism values mysticism and otherness, influencing religious and social processes and favoring utopian, democratic, and meaningful perspectives; (c) in Christian theology, it is crucial to highlight the centrality of the Kingdom of God as a fundamental category in theological methodology.

Keywords

Interreligious dialogue.
Pluralist principle.
Theology of religions.
Feminist theology.
Afro-indigenous theology.

Introdução

A perspectiva pluralista das religiões interpela fortemente o contexto teológico latino-americano, especialmente pela sua vocação libertadora e pelos desafios que advêm de sua composição cultural fortemente marcada por diferenças religiosas que se interpenetram nas mais diferentes formas. Nas últimas décadas, a teologia latino-americana, dentre os seus muitos desafios, tem elaborado uma consistente reflexão sobre os desafios do pluralismo religioso. É importante destacar que tais esforços, seguindo o método e a herança teológica latino-americana, são sempre articulados com experiências práticas e concretas de cooperação e de diálogo inter-religioso.

O marco dessas reflexões foi a publicação da série Pelos muitos caminhos de Deus, sob os auspícios da Associação dos Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT), com o trabalho editorial de José Maria Vigil, Marcelo Barros e Luiza Tomita. Trata-se de cinco volumes cujos títulos oferecem uma ideia do processo progressivo que a temática vivenciou: Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação (2003); Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a

partir da fé cristã (2005); Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação (2006); Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental (2008); e Por uma teologia planetária (2011). Também se destacam os escritos de Faustino Teixeira, desde a obra que organizou - Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso (1993) - até Teologia e pluralismo religioso (2012) e Cristianismo e diálogo inter-religioso (2014), quando estabeleceu as bases de sua teologia pluralista.

Outro destaque são os escritos de Marcelo Barros, desde O sonho da paz: a unidade nas diferenças - ecumenismo religioso e o diálogo entre os povos (1996) e A dança do novo tempo: o novo milênio, o jubileu bíblico e uma espiritualidade ecumênica (1997) até o recente *Os segredos do nosso encanto: o que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras* (2023). Devemos também citar Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo (2006), do espanhol José Maria Vigil, bastante identificado com o contexto latino-americano. Ao lado dessas obras, um volume considerável de textos foi e tem sido produzido em terras latino-americanas.

Anteriormente, na década de 1990, alguns trabalhos foram produzidos e representam, em certo sentido, a gênese da teologia das religiões em terras latino-americanas. Seria necessária uma pesquisa mais apurada, sobretudo em relação aos artigos publicados em revistas acadêmicas, mas devido aos limites de nosso trabalho, listamos apenas os livros mais destacados dessa época. Entre eles estão: duas obras organizadas por Faustino Teixeira - Diálogo dos pássaros, já referida, e O diálogo inter-religioso como afirmação da vida (1997) - e outra, de autoria dele, Teologia das religiões: uma visão panorâmica (1995); Passos no diálogo: a Igreja Católica e religiões afro-brasileiras (1996), de Heitor Frisotti; os dois livros de Marcelo Barros, O sonho da paz e A dança do novo tempo, também já mencionados; o livro de Mario de França Miranda, O cristianismo em face das religiões (1998), em chave inclusivista e cuidadosa que, em certo sentido, reflete o relatório da Comissão Teológica Internacional e da Congregação da Doutrina da Fé, da Igreja Católica Romana; e Do confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em

suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso (1999), de Eduardo Rosa Pedreira. São, portanto, obras precursoras.

Um primeiro inventário da teologia latino-americana das religiões foi feito por Faustino Teixeira (2008), no capítulo “A teologia do pluralismo religioso na América Latina”, publicado no quarto volume da referida coleção. De forma similar, há o texto “A teologia latino-americana diante do pluralismo religioso”, de Claudio Ribeiro (2013). Nesta avaliação, seguimos as indicações desses autores e procuramos atualizar e complementar aspectos que consideramos importantes para a nossa análise. Ao apresentar os temas com os respectivos autores e autoras, estamos oferecendo um panorama histórico dos primeiros passos e do desenvolvimento da teologia latino-americana das religiões. Uma leitura das referências listadas ao final será um bom exercício para se ter essa visão geral.

A vocação ecumênica, tanto em sua dimensão intracristã quanto inter-religiosa, ao marcar as reflexões teológicas, mostra que o caráter de apologia, de sectarismo ou de exclusivismo é, ou deve ser, evitado. Teologicamente, afirmamos que Deus é sempre maior do que qualquer compreensão ou realidade humana e age livremente, em especial na ação salvífica. Nesse sentido, não é preciso estar excessivamente preocupado em descobrir quem é ou será salvo (para utilizar o imaginário comum dos cristãos), mas, no caso dessa mesma tradição religiosa, quem é e o que representa Jesus Cristo para a comunidade cristã.

Essa perspectiva remeteu, entre outros fatores, à busca de um paradigma para a teologia das religiões. Trata-se da superação dos modelos já consagrados, como o que considera Jesus Cristo e a Igreja como caminho necessário para a salvação (exclusivismo); o que considera Jesus Cristo como caminho de salvação para todos, ainda que implicitamente (inclusivismo); e aquele no qual Jesus é o caminho para os cristãos, ao passo que, para os outros, o caminho é sua própria tradição, sem grandes preocupações com autocríticas, revisões e mudanças (relativismo). A perspectiva pluralista, que advogamos, tem como característica básica a noção de que cada religião tem sua proposta salvífica e de fé, que deve ser aceita, respeitada e aprimorada a partir de um diálogo e de uma aproximação mútuos. Assim, a fé cristã, por

exemplo, necessita ser reinterpretada a partir do confronto dialógico e criativo com as demais fés. O mesmo deve ocorrer com toda e qualquer tradição religiosa. Aqui há um ponto de novidade que coloca a todos em constante desafio.

Apresentaremos, em síntese, alguns aspectos presentes no desenvolvimento da teologia latino-americana das religiões: (I) a sua importância pública para os processos de promoção da paz e da justiça, associada ao valor da mística e da alteridade na formação de espiritualidades ecumênicas; (II) a necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas; e (III) a contribuição da teologia feminista da libertação para o debate do pluralismo religioso. Eles são interdependentes, revelam pontos de um mesmo prisma e poderiam, em nosso ver, suscitar novos referenciais teóricos para se pensarem, futuramente, as relações, complexas, por suposto, entre religião e sociedade.

A referência da justiça, da paz e da alteridade

Um dos temas que interpelou fortemente a reflexão teológica, sobretudo na primeira década deste milênio, foi o papel das religiões nos processos de estabelecimento da paz, da justiça e da sustentabilidade da vida, bem como o modo pelo qual se dá a relação com os sistemas econômicos. Desde então, diversos círculos teológicos e cientistas da religião têm se debruçado sobre o quadro sociorreligioso mundial para compreender tanto os processos de abertura e de diálogo entre grupos de tradições religiosas distintas, em diversas frentes de ação, quanto os processos de enrijecimento das perspectivas religiosas, com o fortalecimento de formas de caráter fundamentalista, o aguçamento de conflitos e o reforço de culturas de violência.

Nessa direção, tornaram-se necessárias análises atentas aos processos religiosos que florescem no mundo todo e como eles se inter-relacionam entre si e dentro de cada tradição. Esse conjunto de relacionamentos, favorecido enormemente pelos processos de globalização e de fortalecimento de instituições internacionais, governamentais e não governamentais, forja relacionamentos positivos entre os povos do mundo. Ao mesmo tempo, há

situações em que tal aproximação se desvanece, o que gera a possibilidade de reinício dos conflitos.

A compreensão da situação conflitiva das religiões possibilita percebê-las não somente como negativas, uma vez que podem ser portadoras de uma nova sensibilidade quanto à necessidade de superação dos antagonismos e da intolerância. Portanto, não obstante os aspectos negativos das interfaces das religiões com a cultura e com a política, que podem gerar formas de violência, um olhar teológico a respeito das religiões deve priorizar a abertura dialogal presente na vida como elemento antropológico.

Essas percepções estiveram presentes, por exemplo, no debate organizado pela Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter), em 2010, com o tema “Religiões e paz mundial”. A obra que reuniu o conteúdo desse congresso tem, entre outros autores, a participação de Maria Clara Bingemer, Magali do Nascimento Cunha, Diego Irarrazaval, Faustino Teixeira, José Maria Vigil e Julio de Santa Ana. Este último destacou que o diálogo aumenta a capacidade humana de autorrealização e de realização do outro, além de ser um reconhecimento de que o outro permite uma transição para uma nova posição. Tal situação estimula e possibilita as práticas do fazer-se humano e, ao mesmo tempo, cria condições para que os processos teóricos de compreensão da vida sejam mais completos e consistentes. “Quando o diálogo é estabelecido, não só se experimenta uma preocupação teórica (quem dialoga conosco), mas também é manifestado um compromisso prático, que, ademais, exige uma compreensão mútua” (Santa Ana, 2010, p. 112). Trata-se da perspectiva do “Eu e Tu”, de Martin Buber, a consciência descobrindo a si mesma como existência graças ao outro. Essa compreensão tem sido, e transparece como, uma forte necessidade de ser uma das fontes fundamentais de inspiração dos movimentos ecumênicos pela construção da justiça e da paz.

Anteriormente, destacados teólogos da libertação, como Leonardo Boff, já tinham dado a contribuição à teologia pluralista, na medida em que conferiam sentido amplo às suas reflexões, como, no caso desse autor, a sua visão teoantropocósmica. Para ele, a sensibilidade ecológica, por ser marcada por comunhão e hospitalidade, é acolhedora da diversidade das tradições

religiosas e espirituais; não por acaso Boff foi o prefaciador de um dos livros da coleção *Pelos muitos caminhos de Deus* (2006), já referida.

José Comblin, outro expoente, já indicara que a própria teologia se rende ao império, tendo em vista que camufla em seus postulados os conflitos que marcam o mundo contemporâneo. Gera-se, assim, uma teologia distante do *kerigma* evangélico fundado na fé em Jesus Cristo. Assim, a pergunta fundamental a ser respondida pelos círculos teológicos e eclesiais é: o caminho de evangelização desejado deve ser definido “com as armas do império - repetindo erros do passado - ou pelo diálogo com as religiões do mundo?” (Comblin, 2005, p. 10). Esse autor integrou a coleção mencionada com duas significativas contribuições: uma, no segundo volume, “A teologia das religiões a partir da América Latina” (2005) e, outra, no terceiro, “Jesus Libertador numa visão da teologia pluralista” (2006).

Comblin advoga que, ao lado da questão da força e do império, está a indicação de que o diálogo advindo do pluralismo religioso esteja necessariamente relacionado à questão da pobreza, pois ela é crucial à fé cristã. Qual é a mensagem do cristianismo em meio a outras religiões? Em que ele se distingue? Se o cristianismo conseguir dar visibilidade à sua questão teológica primordial, prévia a qualquer exposição, que é a situação das pessoas pobres, poderá oferecer uma contribuição significativa para o diálogo inter-religioso.

Outra pressuposição importante da teologia latino-americana das religiões é que ante as diversas indagações sobre a vida, em especial os temas que envolvem a paz e a justiça no mundo, são necessários eixos norteadores para que a reflexão teológica tenha a abrangência capaz de torná-la relevante diante dos desafios que a sociedade apresenta na atualidade.

A perspectiva ecumênica, uma vez articulada às dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais, nos variados contextos históricos, pode oferecer densidade e amplitude à reflexão teológica. Os esforços que valorizam a capacidade de diálogo e aqueles que destacam a importância pública das religiões partem da concepção de que tal perspectiva, tanto em nível prático quanto teórico-metodológico, requer e possibilita uma compreensão mais apurada da realidade, um aperfeiçoamento de visões

dialógicas e o cultivo de maior sensibilidade para a valorização da vida e para a promoção da paz e da justiça. Como expressou Roberlei Panasiewicz (2007, p. 188), a partilha visa relações justas e recíprocas entre as religiões, com um “empenho e compromisso delas a favor do humano autêntico, em prol da justiça, da paz e da felicidade sociais”. Em direção similar, Alonso Gonçalves (2020, p. 239) ressalta que “quando as tradições religiosas estão preocupadas com o diálogo inter-religioso é porque nutrem, em suas respectivas bases, chaves para não apenas refletir a religião do outro, como também para interagir com o outro em questões prementes que envolvem a vida”.

Outro elemento fundamental para o enfrentamento das questões relativas à justiça e à paz gira em torno da mística e da alteridade. Embora haja um nexo entre violência e religião, herdado de longas tradições culturais e religiosas, que ainda marca os tempos atuais, a teologia latino-americana das religiões, não obstante, buscou elementos dentro das próprias dinâmicas e conceituações religiosas que são geradores da paz. Trata-se, como indicou Carlos Palácio (2003), da perspectiva de pessoas e grupos se colocarem abertos e desejosos de encontrar e aceitar a alteridade como parte de suas próprias identidades. Ou, como mostrou Elias Wolff (2016, p. 180), “talvez quem não conheça alguma religião diferente da sua não conhece nem mesmo a própria religião”.

Desse contexto surgem diferentes desafios e possibilidades. O mais fecundo é o da escuta: saber ouvir o diferente. Trata-se, como apontou Maria Clara Bingemer (2001, p. 288), da “tentativa de nos submeter à verdade onde quer que ela se encontre, aceitando o pluralismo de perspectivas e de nomes, quaisquer que eles sejam e onde quer que pulse o coração da vida”.

A pluralidade religiosa tem sido vivida nas tensões tanto em relação ao processo de secularização quanto à convivência conflitiva das diferentes religiões. A vivência atual, bastante distinta das gerações passadas, é forjada no contexto de cruzamento e interação de ateísmo, descrença e indiferença religiosa, por um lado, e fortalecimento de várias experiências religiosas, antigas e novas, por outro.

A valorização da pluralidade religiosa, a recuperação do sentido espiritual da gratuidade, a crítica às formas de fixismo, o interesse e a

inclinação para se repensarem categorias filosóficas e teológicas tradicionais, a interface com as ciências e com a espiritualidade, a abertura à sedução gratuita do sagrado como possibilidade amorosa e realizadora e o diálogo com tradições religiosas diferentes formam placas de um caminho que necessita ser reinventado a cada momento. A teologia latino-americana vê-se desafiada por tais sinalizações (Bingemer, 2002).

Na tradição da prática de diálogos entre as religiões, como sabemos, há implicações expressas de partilha de vida, experiência de comunhão e conhecimento mútuo, dentro de um horizonte de humanização, de busca da paz e da justiça e de valorização e afirmação da vida, considerando as exigências concretas que tais dimensões possuem. Há várias formas de diálogo inter-religioso, mas, independentemente delas, a prática dialogal requer um espírito de abertura, hospitalidade e cuidado. Entre elas, destacam-se: a cooperação religiosa em favor da paz, os intercâmbios teológicos e a partilha da experiência religiosa, especialmente no âmbito da devocionalidade e da oração.

Faustino Teixeira (2008) também mostra que existem dois polos de reflexão, ambos por demais desafiadores. O primeiro trata do lugar do diálogo entre as religiões no processo de globalização, considerando tanto os efeitos positivos, como as facilidades de comunicação, uma nova consciência global e planetária e o pluralismo, quanto os negativos, como o aguçamento da exclusão social e dos fundamentalismos nas várias religiões. Tal contradição reside especialmente na recusa do engajamento comunicativo, por um lado, e na abertura dialogal, por outro. A primeira opção reforça os tradicionalismos exacerbados, em reação às novas sensibilidades e circunstâncias da comunicação dialógica e global, o que gera as mais distintas formas de fundamentalismos. Já a segunda, a do diálogo, impõe-se como desafio criativo e significativo para o futuro do mundo. O segundo polo diz respeito à espiritualidade e como ela se vincula intimamente à prática do diálogo inter-religioso (Teixeira; Dias, 2008).

Tal visão não está dissociada do elemento que na tradição teológica e pastoral latino-americana está sobremodo ressaltado: a centralidade da categoria teológica do Reino de Deus. Ele se tornou ponto fundante das

vivências espirituais de diferentes grupos eclesiais e políticos. Dentro desse quadro, uma nova consciência ecumênica aparece e está se difundindo inesperadamente pela humanidade. Trata-se de uma nova experiência espiritual.

Dentre os aspectos da teologia cristã favoráveis a uma teologia pluralista das religiões, podemos lembrar a visão jesuânica que destaca as dimensões teorreinocêntrica e teoprática, como nos mostra Vigil (2006). Elas relativizam a prática cultica - uma vez que a práxis do amor e da justiça, para Jesus, está acima até mesmo do culto e das práticas religiosas - e também a perspectiva eclesiocêntrica. “Jesus não somente não foi eclesiocêntrico, como tampouco foi eclesiástico; nunca pensou em fundar uma igreja, e até se pode dizer que, de algum modo, sua mensagem central implicava na superação daquilo que é uma religião ou Igreja institucional” (Vigil, 2006, p. 139). Para Jesus, o mais importante, o “último” em sentido teológico, é o Reino de Deus, entendido como vontade divina revelada em interação amorosa e salvadora com as pessoas; e não um deus “em si”. Não se trata de um conceito, mas de uma vivência, de um reconhecimento e de opção fundamental do caminho a se seguir na vida. O diálogo é visto como parte integrante do Reino de Deus.

Outro aspecto é de caráter mais filosófico, embora expresso de forma simples, e está relacionado ao que se consagrou chamar “regra de ouro”: “não faças aos outros aquilo que não desejas que outros lhe façam”. Trata-se do elemento ético nas religiões e que se encontra presente nos textos sagrados das mais destacadas religiões, como judaísmo, cristianismo, islamismo, budismo, confucionismo, hinduísmo, jainismo e zoroastrismo. O mesmo ocorre no pensamento filosófico, conforme expresso, por exemplo, no “imperativo categórico” de Kant, o que mostra ser a regra de ouro algo universalmente percebido, reforçando seu caráter de elemento central de revelação divina. Diante disso, há a indagação: “se existe esse consenso humano, simultaneamente filosófico e religioso, tão universal, cabe perguntar: não seria possível e conveniente fazer dessa regra de ouro o fundamento certo do diálogo inter-religioso?” (Vigil, 2006, p. 235).

Portanto, ao olhar o desenvolvimento da teologia latino-americana das religiões, destacamos até aqui quatro aspectos que consideramos cruciais e

que estão também sumarizados na obra *A teologia das religiões em foco: um guia para os visionários*, publicada por Claudio Ribeiro e Daniel Souza (2012). A obra apresenta o pensamento de teólogos e teólogas de vários continentes e confissões, e esses elementos podem ser vistos, mais acentuadamente, nos capítulos referentes aos latino-americanos. Os pontos de destaque são: (I) a importância pública das religiões nos processos, ambíguos e contraditórios, por suposto, de construção da paz e da justiça; (II) o valor da mística e da alteridade para os processos religiosos e sociais, dentro do quadro de recrudescimento nas perspectivas utópicas e doadoras de sentido e de intensificação de propostas religiosas fortemente individualistas e geradoras de violência; (III) o diálogo ecumênico como afirmação da vida, com base na tradição da prática de diálogos entre as religiões, em que há implicações concretas no campo da solidariedade, nas experiências de comunhão e de conhecimento mútuo, nos processos de humanização e de busca da paz e da justiça; e (IV) a importância do Reino de Deus na reflexão teológica, em especial na perspectiva latino-americana, na qual a centralidade dessa categoria teológica tornou-se referência de vivências religiosas, eclesiais e políticas.

Mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas

As temáticas relativas às tensões entre teologia e cultura são diversas, especialmente em função das rápidas mudanças socioculturais, políticas e econômicas em curso no Brasil e no mundo. Basta lembrar as questões que emergem das realidades urbanas, as bioéticas, as de gênero, as que surgem das formas de consumo, entre tantas outras. Todas desafiam a reflexão teológica, e, por possuírem interfaces agudas com as experiências religiosas, instigam igualmente as ciências da religião. Portanto, a relação entre fé e cultura - ou, para ser mais preciso, entre fés e culturas - marca os principais debates no cenário teológico, não obstante as diferenças de épocas e de contextos.

No caso brasileiro e latino-americano em geral, são diversas as arestas

presentes no quadro das relações entre fé e cultura, especialmente pela simbiose entre as culturas africanas, indígenas e as formas de cristianismos que se tornaram hegemônicas no continente. No desenvolvimento da teologia latino-americana das religiões, considerou-se necessário tratar de uma dessas arestas, referente às possibilidades de alargamento metodológico da teologia, questionando o excessivo racionalismo, a partir de uma aproximação da fé cristã com as experiências religiosas marcadas pelas culturas afro-indígenas, base da realidade cultural latino-americana. Nesse sentido, é preciso ressaltar a necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas, destacar a contribuição de uma teologia indígena, especialmente por desfrutar da tensão criativa entre ritualidade e racionalidade, e enfatizar também a contribuição da teologia negra, quando esta articula as subjetividades do mundo afro-brasileiro e a racionalidade cristã ocidental.

A realidade das culturas religiosas afro-indígenas requereu mudança do lugar teológico e uma revisão do método teológico em diferentes aspectos. Não obstante certas idealizações das referidas culturas, que precisam ser descartadas em nossas análises, não se podem negar traços significativos delas, como a primazia da vivência comunitária em detrimento das lógicas doutrinárias e formais e a maior ênfase na dimensão do despojamento e da autodoação, em contraposição às formas cristológicas sacrificialistas. Tais visões, entre outros aspectos, são indicações de um novo/antigo caminho teológico que levaria a reflexão teológica a rever o seu forte acento racionalista.

A proposta de mudança de lugar teológico, que inclua a possibilidade de fazer teologia a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas, precisou articular dois polos de reflexão: o que emerge do ponto de vista da experiência afro-americana e o que se efetua dentro do marco das culturas indígenas. Ambos releem e reinterpretam criativamente, a partir de suas próprias experiências e símbolos, a perspectiva teológica e religiosa latina da fé cristã.

O referencial hermenêutico dessa visão teológica é o mesmo da

teologia da libertação, e ela se desenvolve sob a ótica do paradigma da diversidade religiosa e cultural constatado na atualidade. Por essa valorização entende-se o reconhecimento do pluralismo como “dom precioso que enriquece a humanidade e a convida a um aprofundamento espiritual novo e mais profundo” (Barros, 2009, p. 31).

Entre as visões teológicas desafiadoras está a de uma cristologia afro-latíndia. Ela mostra, entre outros aspectos, que a redenção acontece não mediante a morte sacrificial de Jesus na cruz, mas nasce de uma fé confiante e despojada mediante o amor de Deus. “Isso não diminui o valor salvífico da autoentrega de Jesus em seu martírio e da força do exemplo que tem sua paixão. Mas abre a fé cristã a um reconhecimento de uma ação divina muito além do Cristianismo” (Barros, 2009, p. 125-126).

No tocante às questões eclesiológicas, o que fica indicado como valor são formas comunitárias de viver a fé, dentro da referência teológica da libertação, em comunhão com as culturas afro e índia, incluindo o valor que nelas é dado às festas e à preparação e ao desfrutar da comida. Essa perspectiva requer uma mudança profunda na concepção de missão, que passa a ter a sua ênfase na forma profética de inserção no mundo, que vive e celebra o testemunho da ressurreição de Jesus no meio dos sofrimentos humanos, sobretudo das pessoas mais pobres, e do martírio constante das comunidades negras e índias. A eclesiologia afro-latíndia fundamenta-se em ser antirracista e antidiscriminatória, comprometida com a justiça e com o respeito às diferenças. Em que pese seu caráter militante, ela é marcada pela alegria e pela dimensão lúdica, mesmo em meio ao sofrimento.

Em relação especificamente à teologia indígena latino-americana, são muitos os desafios, em especial devido ao elevado grau de diferença cultural nos distintos contextos e épocas e às interpelações provocadas pela história do encontro entre culturas. Diego Irarrazaval (2007) formula a sua teologia a partir dos povos originários do continente latino-americano e das vivências de espiritualidade deles, numa atividade que nasce “de baixo”, com as populações excluídas, e “de dentro” da cultura e fé ameríndia. A provocação primeira para essas produções é dada pelas populações empobrecidas, “de

baixo”, das classes populares e “de dentro”, do próprio espaço da América Latina. Dessa forma, torna-se necessário interpelar a teologia a partir das falas/crenças indígenas questionadoras de heranças coloniais que encobrem experiências de espiritualidade e que não são relacionadas ou geradas com construções eurocêntricas.

O referido autor participou com destaque da coleção *Pelos muitos caminhos de Deus*, com “Reimplantação teológica na fé indígena” (2003), os epílogos dos volumes dois e três - “Rotas abertas e fechadas em direção a Deus” (2005) e “Pluralidades nas teologias” (2006) - e “Salvação indígena e afro-americana” (2008). Tais perspectivas se constroem com base em dois importantes eixos. O primeiro refere-se ao mundo indígena e mestiço, uma encarnação nessas vivências, em suas identidades complexas, na interação entre suas culturas, em seus mitos e formas de espiritualidade e em suas outras propostas de fé em Deus. Já o segundo eixo diz respeito a abordagens mais amplas da realidade latino-americana, a partir “de dentro” desse espaço, e, para tanto, aproxima-se das culturas e religiosidades dos povos pobres, e a partir “de baixo”, relacionando ação evangelizadora, inculturação e as hermenêuticas que são construídas e desenvolvidas no contexto e em diálogo com povos “indo-afro-mestiços”.

A partir desse lugar vivencial, os povos tradicionais interpelam uma produção de teologia com seus mitos e suas utopias. A fé indígena provoca a teologia das religiões, reprojetoando-a para além das elaborações teológicas cristãs que se construíram como espaços hegemônicos de onde se interpretam a espiritualidade e a cultura dos povos ameríndios. A teologia passa a ser desafiada pela construção de narrativas a serem elaboradas sob a ótica de uma fé plural e diversa.

Irarrazaval tem apresentado quatro pontos de destaque a partir dos mitos e da fé indígena: (I) o imaginário mítico e utópico da população ameríndia é heterogêneo e complexo conjugando origens marcadas tanto pela felicidade quanto pelo mal; (II) a teologia cristã, ao se aproximar dos mitos, ritos, utopias e éticas dos povos indígenas, não se delimita pelo tradicionalmente religioso da experiência cristã, mas se alimenta pela busca

de uma vida plena com os símbolos espirituais de povos tradicionais; (III) a reflexão cristã, nesse encontro, ressitua-se na espiritualidade e sabedoria dos povos indígenas, na fé dos “de baixo”; e (IV) o desenvolvimento de uma solidariedade mundial é inseparável do cosmo e da qualidade espiritual dos povos, o que provoca uma interação entre comunidades indígenas e outros setores da humanidade, bem como a articulação entre teologias indígenas e outros modos de fazer teológico, reconhecendo, assim, um pluralismo religioso e um pluralismo teológico (Irarrazaval, 2007).

Observemos agora a contribuição da teologia negra da libertação para o debate do pluralismo religioso. As dimensões de subjetividade e de experiências lúdicas e rituais dos grupos religiosos afro-brasileiros, uma vez vistas como interpelação à teologia cristã, redimensionariam o caráter fortemente racional nela presente e gerariam novas sínteses.

Buscou-se na América Latina, em linhas gerais: colocar em comum os diversos aspectos sociais e teológicos a partir da realidade das comunidades afro-americanas e caribenhas emergentes nas últimas décadas do século 20; analisar, à luz da reflexão teológica, os grandes desafios provenientes da realidade pastoral dos povos negros; considerar as exigências de uma “evangelização inculturada” indicadas pelas igrejas; aprofundar a reflexão sobre as práticas ecumênicas a partir das culturas e religiões de origem africana; e identificar como as teologias feministas e indígenas podem representar espaço de encontro, de diálogo e de construção de novos referenciais e paradigmas teológicos.

Tais perspectivas, defendidas, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, por agentes de pastoral negros (APN) e pelo grupo Atabaque, apresentaram a ideia de um Jesus Cristo luz e libertador do povo afro-americano, ao mostrar que, na diáspora do povo negro africano - a realidade constitutiva do contexto latino-americano - não houve dificuldades, por parte das religiões de origem africana, de acolher Jesus Cristo como expressão concreta da fé. Essa e outras perspectivas similares foram tratadas por vários teólogos e teólogas, entre os quais Antônio Aparecido da Silva, conhecido como padre Toninho, e Silvia Regina de Lima e Silva, ambos participantes da coleção *Pelos muitos caminhos*

de Deus. Ele apresentou, no primeiro volume, o texto “Teologia cristã do pluralismo religioso face às tradições religiosas afro-americanas” (2003), e ela, no terceiro volume, “De segredo e sagrado: revelação e teologia negra” (2006).

Entre os aspectos refletidos está o fato de Jesus ser respeitado, cultuado, invocado e visto como libertador, não obstante a diversidade religiosa da comunidade negra no continente. Ao analisar a experiência dos grupos africanos Banto e Nagô, os autores viram que a cristologia pode ser redimensionada a partir da experiência de ancestralidade e de orixalidade. Trata-se da valorização do passado, fazendo-o estar presente na comunidade por intermédio da mediação ancestral e da valorização da mediação que reúne ao mesmo tempo a identidade humana e divina, como é o caso da força universal dos orixás.

A lógica racional que sustenta a teologia cristã ocidental, mesmo a teologia da libertação, precisaria ser interpelada pelas concepções de mundo africanas nas quais o humano e o divino convivem em um mesmo espaço de tempo e lugar, como o “estado de santo”, por exemplo. Também a subjetividade própria da sabedoria africana carece de reciprocidade diante da racionalidade ocidental.

Outro desafio é a compreensão da salvação. A distinção presente em teologias cristãs tradicionais, entre os atos divinos de criação e de salvação não é encontrada nas tradições religiosas africanas. Nelas, criação e salvação constituem em ato único divino. A salvação já está dada por Deus no ato criador. “Deus cria salvando e salva criando” (Silva, 2003, p. 102). Essa visão não despreza os procedimentos éticos, mas se isenta de uma quase obsessão pela salvação, tal como vista em alguns grupos cristãos, a qual gera formas religiosas “de barganha” humana com Deus e formas de exclusivismo. O compromisso ético não se baseia tanto na busca incessante de uma salvação, mas na busca de um equilíbrio, de um bom relacionamento entre as pessoas e delas com a natureza, bem como de uma fidelidade ao divino.

Relacionadas a esse tema surgem as questões cristológicas. Há uma forte tendência em religiões africanas, de incorporar Jesus Cristo a seus

esquemas e simbologias. Isso, em geral, não se dá como mera assimilação, igualando-o, por exemplo, aos orixás, mas como novidade de vida especialmente ligada à superação de condições aviltantes como a escravidão. Trata-se de uma nova percepção de fé forjada pelo contexto opressivo da diáspora. Jesus, mesmo com nomes variados, vai estar presente e atuante na vida das pessoas - uma compreensão forjada há duas décadas e que, certamente, hoje seria interpelada por diversas outras concepções. Mesmo assim, há que se perguntar: o que tal visão pode representar para a teologia cristã em seus processos de renovação e de busca de referenciais mais profundos para a fé? Além disso, Silva (2003, p. 100) nos lembra a distinção que “se a amálgama que permite a unidade da teologia cristã é a fé da comunidade no Deus de Jesus Cristo, o ato unificador das tradições africanas é a experiência centrada no Deus da Vida mediatizada pelo AXÉ”, mesmo considerando a diversidade interna das religiões afro-americanas.

A dimensão sacramental também é desafiadora. Para o autor, o mistério da Eucaristia nas igrejas cristãs e o estado de santo nos cultos do Candomblé, por exemplo, evidenciam momentos absolutos da relação do humano com o divino; portanto, uma teologia do pluralismo religioso deveria dar, minimamente, a mesma excelência para ambos, sendo, assim, vistos como “sacramentos”. Diferentemente das formas ocidentalizadas de cristianismo, a teologia das heranças africanas, nos indica o autor, “se fundamenta numa concepção de mundo de relações, mais que dialéticas, [e sim] verdadeiramente analéticas. O humano e o divino convivem num mesmo espaço de tempo e lugar. É a lógica da não-lógica” (Silva, 2003, p. 101). Tais perspectivas suscitam indagações importantes para um diálogo entre teologia cristã e teologia das heranças africanas: “Qual lógica é capaz de dar conta de uma realidade onde o humano e o divino transformam a corporeidade em carregadora de ambos? Qual lógica explica o ‘estado de santo?’”, por exemplo (Silva, 2003, p. 101). Trata-se de questões mutuamente desafiadoras.

Portanto, diversas questões suscitadas pela realidade das culturas afro-indígenas interpelam o método teológico, especialmente a relação entre subjetividade e racionalidade. Nesse sentido, outro olhar foi requerido. Como indicou Carlos Josaphat (2003, p. 127), “a sorte e a chance de diálogo e do

intercâmbio entre as religiões dependem antes de tudo da qualidade e da simpatia do olhar”. Em direção similar, Volney Berkenbrock (1996), ao analisar as possibilidades de diálogo entre a fé cristã e o Candomblé, realça que a recusa do reconhecimento do pluralismo como valor leva ao fechamento e, conseqüentemente, ao distanciamento do mistério divino.

Esse novo olhar gerou uma positivação da noção de sincretismo, como assinalou Afonso Ligório Soares (2008), um dos colaboradores da coleção Pelos muitos caminhos de Deus. A teologia elaborada com base nas expressões sincréticas, e entendida como possibilidade de se pensar a fé dentro de um diálogo inter e intra-religioso, teve como pressuposições elementares ao menos dois aspectos: (I) expressão religiosa alguma vive em estado puro ou está isenta de ambiguidades, portanto pode e deve estar aberta às outras em um processo de aprendizado; e (II) o sincretismo, ao contrário do sentido na maior parte das vezes negativo atribuído ao termo, pode ser compreendido como ressemantização das experiências religiosas a partir das relações aprendidas no mundo do outro. É o que dará base para se indicar uma teologia “entrefés” (*interfaith*) que aprende das realidades religiosas de sincretismo que “não há etapas rumo a esta ou aquela religião total, pois nenhuma fé ou espiritualidade esgota o Sentido da Vida” (Soares, 2008, p. 213). As vivências espirituais sincréticas seriam sadias provocações aos conceitos enrijecidos pela lógica dogmática e devem ser vistas como fonte de novidade na busca de formas novas e mais autênticas de compreensão da fé tradicional.

Tais relações, em nosso ponto de vista, são fundamentais para o alargamento do método teológico, tão almejado nas últimas décadas. Trata-se de questionar o excessivo racionalismo da teologia, a partir de uma aproximação da fé cristã com as experiências religiosas marcadas pelas expressões afro-indígenas, base da realidade cultural latino-americana.

Em torno dos temas e situações até agora descritos, há também uma série de estudos sobre a diversidade religiosa e as possibilidades de diálogo, cujo perfil não é especificamente teológico, mas realizado de forma interdisciplinar dentro do contexto das ciências da religião. Entre várias iniciativas, destacamos a do Grupo Interinstitucional de Pesquisa

“Espiritualidades, pluralidades e diálogos”, da Anptecre/Soter, com diversas publicações, entre elas *Dicionário do pluralismo religioso* (2020), organizado por Claudio Ribeiro, Gilbraz Aragão e Roberlei Panasiewicz, e os livros *Horizontes pluraís* (2023), organizado por Claudio Ribeiro, e *Diálogos pluraís para além do religioso* (2024), por Roberlei Panasiewicz e Maria Cecília Simões. Para o desenvolvimento da teologia das religiões, a perspectiva interdisciplinar tem se mostrado de enorme importância.

A contribuição da teologia feminista da libertação para o debate do pluralismo religioso

O debate sobre o pluralismo religioso na América Latina cada vez mais se torna relevante devido à vivência multicultural e multirreligiosa do continente. Como se sabe, a intolerância religiosa, ao lado dos interesses econômicos e políticos, é um dos grandes motores que geram a violência, causando a morte de milhares de inocentes, principalmente nos países pobres. Na perspectiva cristã, a discussão acerca das mensagens religiosas capazes de dar respostas consistentes a crentes e não crentes, em um mundo marcado por guerras, violência e injustiça social, centraliza-se, em geral, na discussão sobre o significado de Jesus Cristo hoje e a doutrina da encarnação.

Entretanto, as teólogas feministas da libertação têm ido além. Elas não somente discutem o tema da cristologia, mas procuram aprofundar os problemas sexistas advindos da visão religiosa monoteísta e aqueles que emergem das metáforas patriarcais utilizadas na construção da imagem de Deus. Nessa perspectiva, a discussão sobre o pluralismo gira fortemente ao redor dos dogmas que têm excluído as mulheres das instâncias de decisão e do poder nas esferas religiosas, e não tanto nas diferenças entre as religiões. Além disso, alguns desses dogmas também têm marginalizado homens e mulheres de diferentes raças e culturas em nome de um Cristo branco, de traços europeus. Portanto, trata-se de um esforço radicalmente inclusivo.

A perspectiva feminista do diálogo inter-religioso busca elementos, princípios e práticas de natureza libertadora não apenas para as mulheres, mas para os diversos grupos marginalizados e discriminados socialmente,

tendo como base um conceito de divindade não sexista, não patriarcal, não elitista e não racista. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de se valorizarem as religiões e culturas que são desconsideradas na sociedade. Na coleção *Pelos muitos caminhos de Deus* destacam-se as contribuições de Ivone Gebara, com “Pluralismo religioso: uma perspectiva feminista” (2006), de Luiza Tomita, com “A contribuição da teologia feminista da libertação para o debate do pluralismo religioso (2003) e “Crista na ciranda de Asherah, Isis e Sofia: propondo novas metáforas divinas para um debate feminista do pluralismo religioso” (2005), e de Wanda Deifelt, com “Deus no corpo: uma análise feminista da revelação” (2006).

Como decorrência da referida busca, está a necessidade de uma revisão da cristologia, de modo que ela não se restrinja a uma mensagem centrada em um único indivíduo, mas em uma comunidade. Trata-se da possibilidade de experiências religiosas pautadas pela inter-relacionalidade, pelo compartilhamento do poder, pela constituição de relações internas justas, pelo respeito aos velhos, às crianças e à natureza (Tomita, 2003).

Além das questões especificamente cristológicas, há duas outras que representam desafios importantes no debate do pluralismo religioso: o conceito de salvação e o monoteísmo. A concepção da salvação, entendida como cura e doação de vida, relativiza uma série de mitos de origem sobre o pecado e a culpa, em que grande parte dela foi histórica e ideologicamente atribuída à mulher. A crítica - e mesmo a ruptura - com a visão agostiniana do pecado original faz com que a teologia tradicional da salvação perca o sentido. A salvação, não mais ligada a uma cristologia da reconciliação do humano contra o seu estado inicial de pecado, mas sim contra o pecado estrutural, ganha novo sentido. A dimensão salvífica passa a estar ligada à cura, à elevação da autoestima, à doação de vida e à acolhida no seio da comunidade. Dessa forma, a teologia cristã teria condições de ser mais fiel a seus princípios de igualdade de todos os seres humanos, de ter a comunidade fundamentada na justiça e na paz e de expressar o poder divino como representante do amor em sua plenitude.

De forma similar está o tema do monoteísmo, uma vez que foi

canalizado para uma imagem sempre masculina de Deus; tornou-se até mesmo um “golpe” contra culturas ancestrais que possuíam a crença em divindades femininas e que por isso empoderavam as mulheres. Ele afetou a vida das mulheres ao acabar com a bissexualidade da divindade e assim afastar as mulheres da natureza divina. Também introduziu um dualismo entre o corpo e o espírito, entre a humanidade e a natureza, entre Deus e o mundo. Uma espiritualidade centrada em Deusa possibilita uma reflexão a partir da realidade corporificada no cotidiano, tanto nas dimensões de prazer como nas de dor, incluindo as mudanças e os processos do corpo, da vida pessoal, da autoafirmação, e, ao mesmo tempo, conectada ao compromisso social e atividade política. Dessa espiritualidade surgem as possibilidades de afirmação do corpo, tanto em seu poder erótico como em seu poder criativo de dar a vida e de ser fonte de cura (Gebara, 2017).

O esforço da teologia feminista da libertação em buscar imagens femininas de Deus está centrado na expressão da fé em uma divindade que esteja preocupada com as situações de opressão e violência que marcam a vida de parcelas consideráveis da população, especialmente mulheres. Tal divindade, despida de androcentrismos e das consequentes formas de patriarcalismos e sexismos, valoriza o corpo, a sexualidade, o cuidado e a proteção da natureza com uma consequente responsabilidade ética pela criação. Aliás, tal perspectiva estabeleceria saudáveis conexões com as religiões indígenas e africanas, uma vez que possuem imagens divinas menos autoritárias, que habitam ou se revelam no meio da comunidade, baseiam-se em uma inter-relacionalidade, solidariedade e maior respeito às pessoas e à natureza.

O diálogo inter-religioso também produz no interior de cada expressão religiosa mudanças e identificação de desafios. No caso do cristianismo, é importante ressaltar a necessidade de crítica do papel que ele desempenhou nos processos de colonização e de catequização dos povos, cuja marca de intolerância, violência e rejeição das outras religiões e culturas, consideradas como demoníacas, permanece fortemente presente até os dias de hoje. A teologia feminista pode contribuir com essa revisão do lugar da religião no projeto de libertação (Gebara, 2006).

Considerações finais

Procuramos mostrar que, diante do pluralismo religioso, fez-se necessária para a teologia latino-americana das religiões uma atenção especial à articulação entre a capacidade de diálogo dos grupos religiosos e os desafios em torno da defesa dos direitos humanos e da terra. Isso se baseia na pressuposição de que a espiritualidade ecumênica requer visão dialógica, profunda sensibilidade às questões que afetam a vida humana e inclinação para a promoção da justiça e da paz.

Também indicamos que uma espiritualidade ecumênica que emerge do pluralismo religioso terá como valores a dimensão mística e a alteridade, e que isso incidirá nos processos religiosos e sociais, favorecendo perspectivas utópicas, democráticas e doadoras de sentido. Ressaltamos o diálogo ecumênico como afirmação da vida, com suas respectivas e concretas implicações no tocante à solidariedade, à comunhão, ao conhecimento mútuo e às iniciativas e projetos de humanização e de justiça social.

Destacamos também que a centralidade do Reino de Deus, como categoria fundamental no método teológico, afirma-se como referência para as espiritualidades inter-religiosas e que há implicações importantes para o método teológico quando a realidade das culturas religiosas afro-indígenas e as experiências das mulheres são consideradas.

No caso da teologia cristã latino-americana, há diferentes grupos, envolvendo homens e mulheres, setores ecumênicos de juventude, comunidades eclesiais e setores acadêmicos que têm se dedicado ao diálogo inter-religioso, e tal experiência tem forjado novas perspectivas teológicas. O mesmo se dá com outras expressões religiosas. Tal caminho está possibilitando um novo paradigma para a teologia de cunho pluralista, afastando-a da visão inclusivista que a marcou em seus primórdios.

De nossa parte, em diálogo com os autores e autoras referenciados neste trabalho, assim como teólogos e teólogas de outros continentes, temos procurado oferecer uma contribuição para a teologia latino-americana das religiões. Isso tem sido realizado com esforços práticos no campo do diálogo inter-religioso e também com a produção de diferentes artigos e livros, entre os quais destacamos a obra *O princípio pluralista* (Ribeiro, 2020). Nela,

apresentamos não somente as principais questões, autores e autoras da teologia das religiões, como indicamos aspectos do quadro de diversidade religiosa, sobretudo no Brasil, e perspectivas de reflexão e de ações inter-religiosas.

Referências

ARAGÃO, Gilbraz; RIBEIRO, Claudio; PANASIEWICZ, Roberlei (Orgs.). *Dicionário do pluralismo religioso*. São Paulo: Recriar, 2020.

ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003.

ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã*. São Paulo: Loyola, 2005.

ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006.

ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental*. São Paulo: Paulinas, 2008.

ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Por uma teologia planetária*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BARROS, Marcelo. *O sonho da paz: a unidade nas diferenças - ecumenismo religioso e o diálogo entre os povos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BARROS, Marcelo. *A dança do novo tempo: o novo milênio, o jubileu bíblico e uma espiritualidade ecumênica*. São Paulo: Paulus; CEBI; Sinodal, 1997.

BARROS, Marcelo. *O sabor da festa que renasce: para uma Teologia Afro-Latíndia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2009.

BARROS, Marcelo. *Os segredos do nosso encanto: o que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras*. São Paulo: Recriar, 2023.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Faces e interfaces da sacralidade em um mundo secularizado. In: LIMA, Degislando; TRUDEL, Jacques (Orgs.). *Teologia em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 285-332.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). *Violência e religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo - três religiões em confronto e diálogo*. São Paulo: Loyola;PUC Rio, 2001.

BERKENBROCK, Volney. Diálogo e identidade religiosa: reflexões sobre a base teológica para um encontro positivo entre o candomblé e o cristianismo. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, Petrópolis, v. 56, n. 221, p. 4-44, 1996.

BOFF, Leonardo. Prólogo. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 11-13.

COMBLIN, José. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* São Paulo: Paulus, 2005.

COMBLIN, José. A teologia das religiões a partir da América Latina. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 47-70.

COMBLIN, José. Jesus Libertador numa visão da teologia pluralista. ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 121-148.

DEIFELT, Wanda Deifelt. Deus no corpo: uma análise feminista da revelação. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 79-102.

FRISOTTI, Heitor. *Passos no diálogo: a Igreja Católica e religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Paulus, 1996.

GEBARA, Ivone. Pluralismo religioso: uma perspectiva feminista. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 277-298.

GEBARA, Ivone. *Mulheres, religião e poder: ensaios feministas*. São Paulo: Terceira Via, 2017.

GONÇALVES, Alonso. *Teologia protestante das religiões: uma proposta teológica em perspectiva latino-americana*. São Paulo: Recriar, 2020.

IRARRAZAVAL, Diego. *De baixo e de dentro: crenças latino-americanas*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2007.

IRARRAZAVAL, Diego. Reimplantação teológica na fé indígena. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003, p. 85-96.

IRARRAZAVAL, Diego. Epílogo: Rotas abertas e fechadas em direção a Deus. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 225-230.

IRARRAZAVAL, Diego. Epílogo: Pluralidades nas teologias. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 299-309.

IRARRAZAVAL, Diego. Salvação indígena e afro-americana. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 61-88.

JOSAPHAT, Carlos. *Evangelho e diálogo inter-religioso*. São Paulo: Loyola, 2003.

LIMA E SILVA, Silvia Regina. De segredo e sagrado: revelação e teologia negra. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 45-59.

MIRANDA, Mário de França. *O cristianismo em face das religiões*. São Paulo: Loyola, 1998.

PALÁCIO, Carlos. Para uma pedagogia do diálogo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 35, n. 97, p. 369-378, jan. 2003.

PANASIEWICZ, Roberlei. *Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: PUC Minas, 2007.

PANASIEWICZ, Roberlei; SIMÕES, Maria Cecília (Orgs.). *Diálogos plurais para além do religioso*. São Paulo: Recriar, 2024.

PEDREIRA, Eduardo Rosa. *Do confronto ao encontro: uma análise do cristianismo em suas posições ante os desafios do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira; SOUZA, Daniel Santos. *A teologia das religiões em foco: um guia para os visionários*. São Paulo: Paulinas, 2012.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. A teologia latino-americana diante do pluralismo religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1436-1460, out./dez. 2013.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *O princípio pluralista*. São Paulo: Loyola, 2020.

RIBEIRO, Claudio (Org.). *Horizontes plurais*. São Paulo: Recriar/Pluralidades, 2023.

SANTA ANA, Julio de. Diálogos inter-religiosos: dificuldades e promessas. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - SOTER (Org.). *Religiões e paz mundial*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 99-117.

SILVA, Antônio Aparecido da. Teologia cristã do pluralismo religioso face às tradições religiosas afro-americanas. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003, p. 97-107.

SOARES, Afonso Maria Ligório. *No espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - SOTER (Org.). *Religiões e paz mundial*. São Paulo: Paulinas, 2010.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Diálogo de pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993.

TEIXEIRA, Faustino. A teologia do pluralismo religioso na América Latina. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 21-40.

TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.

TEIXEIRA, Faustino. *Teologia e pluralismo religioso*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.

TEIXEIRA, Faustino. *Cristianismo e diálogo inter-religioso*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TEIXEIRA, Faustino do Couto; DIAS, Zwinglio Motta. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível*. Aparecida: Santuário, 2008.

TOMITA, Luiza. A contribuição da Teologia Feminista da Libertação para o debate do pluralismo religioso. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003, p. 108-119.

TOMITA, Luiza. Crista na ciranda de Asherah, Isis e Sofia: propondo novas metáforas divinas para um debate feminista do pluralismo religioso. In: ASSOCIAÇÃO DOS TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DO TERCEIRO MUNDO - ASETT (Org.). *Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 107-124.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLFF, Elias. *Espiritualidade do diálogo inter-religioso: contribuições na perspectiva cristã*. São Paulo: Paulinas, 2016.

Trabalho submetido em 21/05/2025.

Aceito em 23/12/2025.

Cláudio de Oliveira Ribeiro

Doutor (2000) e Mestre (1994) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduado (1985) em Teologia pelo Seminário Metodista Cesar Dacorso Filho-RJ. Integrou os conselhos diretor e científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (Anptecre) no período 2012-2017). Atualmente é professor-visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora e coordenador para mestrados profissionais da área "Ciências da Religião e Teologia" da Capes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8660-4419>. E-mail: cdeoliveiraribeiro@gmail.com